



CHEGA DE NABISCO NA LATA! QUEREMOS ARROZ, FEIJÃO E FARINHA NO PRATO: A ALIMENTAÇÃO DA FEB NA 2GM

NO MORE CANNED NABISCO! WE WANT RICE, BEANS AND FLOUR ON A PLATE: THE FEB FEEDING IN THE WWII

Priscila Ervin Saval*

RESUMO: Este artigo aborda a temática da alimentação no contexto militar e busca compreender a importância que a alimentação ocupa no planejamento de um exército e quais os problemas que uma dieta culturalmente inadequada pode carregar na permanência das tropas no *front*. Foram analisado dois países (Brasil e EUA) durante suas atuações na Segunda Guerra Mundial. Realizou-se uma análise das produções historiográficas sobre a alimentação em conflitos (pré e pós industrialização) enfatizando a dieta desenvolvida e consumida pelos exércitos estadunidenses e brasileiros. Utilizou-se como fontes: documentos oficiais do Exército brasileiro, Decretos-lei, memórias de ex-combatentes brasileiros e crônicas produzidas atuantes no conflito. Os resultados obtidos nesta pesquisa, afirmam quão a alimentação exige dos Exércitos, na preparação de suas tropas, visto que, não deve nutrir somente o físico do combatente, como também, reafirmar seus laços identitários e culturais.
PALAVRAS-CHAVE: Alimentação. Cultura. Força Expedicionária Brasileira.

ABSTRACT: The theme of this article addresses military food and wants to understand its magnitude in the planning of an army, as well as the problems that a culturally inadequate diet may entail in keeping troops on the front. Two countries (Brazil and the USA) were analyzed during their performances in World War II. An analysis of the historiographical productions that address the issue of food in conflict scenarios (pre and post industrialization) was carried out, emphasizing the diet developed and consumed by the US and Brazilian armies. As sources were used: official documents of the Brazilian Army, Decree-Laws, memories of Brazilian and chronic veterans produced by participants of the conflict. The results obtained in this research, affirm how the feeding demands of the Armies, in the preparation of their troops, since, it should not only nourish the combatant physique, but also, reaffirm their identity and cultural ties.

KEY WORDS: Feeding. Culture. Brazilian Expeditionary Force.

* Mestranda em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharela em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).



Introdução

Neste artigo buscaremos compreender a importância da alimentação no planejamento de um exército e quais os problemas que uma dieta culturalmente inadequada pode acarretar na permanência das tropas no *front*. Para isto buscamos entender o quanto importante se apresenta a alimentação na preparação dos efetivos militares ao longo da história e como o surgimento da industrialização contribuiu para solucionar problemas em torno do suprimento das tropas. Analisaremos o caso das rações norte-americanas durante da Segunda Guerra Mundial, visto que o Brasil se tornou aliado dos EUA no conflito e passou a ter a alimentação fornecida nos moldes da US ARMY.

O mundo presenciou entre os anos de 1939-1945 a Segunda Guerra Mundial, o mais importante evento bélico do século XX travado entre os Aliados¹ e as Potências do Eixo², que juntos mobilizaram cerca de 100 milhões de militares. O Brasil, governado por Getúlio Vargas, optou, inicialmente, por se manter em situação de neutralidade, posição esta, que se manteve até os ataques alemães aos navios brasileiros em 1942 (FERRAZ, 2005, p.45). No próximo ano 1943, o país tratou de organizar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para que assim fosse possível apoiar o Exército estadunidense na Europa. Foram chamados para compor a FEB inicialmente os militares que se encontram na ativa, seguido pelos reservistas e por fim, foi necessário que o Estado realizasse um alistamento compulsório, para que fosse possível completar o efetivo de 25 mil militares (IERVOLINO, 2001, p.29).

O Brasil realizou um acordo com os EUA, o qual, apresentava inúmeras vantagens políticas e econômicas, que seriam fundamentais para ao desenvolvimento do país (PEREIRA, 2013, p. 63-64). Neste mesmo acordo, foram tratadas questões que envolviam o envio de tropas brasileiras para apoiar os norte-americanos (NA) no teatro de operações. Ao Brasil caberia, somente formar seu contingente, fardá-los, calçá-los e disponibilizar roupas brancas. Ficaria a cargo dos EUA o transporte das tropas, o treinamento e todos os demais suprimentos como a alimentação (OLIVEIRA, 2016, p.117).

O choque de realidades entre os brasileiros e os americanos foi inevitável, principalmente no que tangia as áreas industriais e culturais, o que tornou a temática da alimentação uma grande dificuldade na permanência das tropas no *front*, uma vez que o

¹ Formavam, inicialmente, o grupo dos aliados: França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, União Soviética.

² Formavam o grupo do EIXO: Itália, Japão e Alemanha.



militar estadunidense comia, mas o brasileiro apenas se alimentava. Fato este que foi agravando-se até o ponto em que a questão cultural da alimentação se tornou crucial para a permanência da FEB no *front* italiano (FARIA, 2017, p.102).

Para que possamos responder aos nossos objetivos, organizamos este artigo em três partes para além da introdução e das considerações finais. Inicialmente trataremos do contexto no qual situa-se nosso recorte temporal, a Segunda Guerra e como se deu a inserção brasileira no conflito. Em um segundo momento abordaremos as questões que permeiam a temática da alimentação militar, como se apresentou em dois contextos (pré e pós industrialização) e como os EUA desenvolveram as rações que utilizaram na dieta da US ARMY durante a 2GM. Por fim, analisaremos como se apresentava a alimentação da tropa brasileira e como foi sua recepção à dieta fornecida pelos aliados.

Participação brasileira na Segunda Guerra Mundial

Em 1º de setembro de 1939 a ofensiva da Alemanha nazista sobre a Polônia Ocidental, dava início a Segunda Guerra Mundial, maior evento bélico da contemporaneidade, no qual os países do grupo do Eixo, encabeçados pela Itália, Japão e Alemanha, enfrentaram o grupo dos Aliados (França, Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). Ao longo de quase seis anos, cerca de 70 países estiveram envolvidos neste conflito, direta e indiretamente, mobilizando mais de 100 mil militares. O elevado número de vidas envolvidas resultou na morte de, aproximadamente, 23.898.000 pessoas entre civis e militares³ afirmando a amplitude de uma guerra moderna, esta, capaz de atingir as mais diferentes esferas da sociedade (HOBSBAWN 1995, p.51).

Em meio a este conturbado cenário mundial, o Brasil, presidido por Getúlio Vargas, buscou manter-se, inicialmente, em situação de neutralidade frente ao conflito, devido aos seus interesses comerciais com ambos os envolvidos, estes, fundamentais para os planos de desenvolvimento industrial, previstos nos objetivos do Estado Novo. Portanto o país continuou realizando, abertamente, alianças com os países do Eixo e com os dos Aliados até o fim de 1941, uma vez que julgava seus interesses próprios mais importantes do que o conflito mundial⁴.

³ COGGIOLA (2015, p.7)

⁴ FERRAZ (2005, p.5)



No entanto, esta posição de neutralidade, não resistiu aos avanços da guerra⁵ e em janeiro de 1942, o governo brasileiro tratou de oficializar seu apoio aos EUA, colocando fim às relações que estabelecia com os países do Eixo e tornando-se o único país da América do Sul a unir-se aos grupos dos Aliados. Os reflexos desta decisão não tardaram a aparecer, no início de fevereiro do mesmo ano, a Alemanha realizou uma ofensiva sobre a costa brasileira, resultando no naufrágio de diversos navios e na perda de vidas.

Após os acontecimentos de fevereiro de 1942, a população brasileira foi tomada por um sentimento de repúdio aos países do Eixo e passou a tomar as ruas, como forma de protesto para exigir que o Brasil reagisse aos ataques alemães. O governo varguista tratou de acatar os anseios da massa e decretou oficialmente em 31 de agosto de 1942 “Art. 1º É declarado o estado de guerra em todo o território nacional” (BRASIL, 1942). Esta atitude, oficializava a entrada do país no conflito, reafirmava seu apoio aos estadunidenses e colocava o Brasil como membro do grupo dos Aliados e contra os países do Eixo.

O apoio brasileiro aos EUA havia sido selado mediante um acordo o qual, para além de questões voltadas a economia desenvolvimentista do país, também tratava de questões bélicas, caso fosse necessário um apoio brasileiro no teatro de operações. Para isto, caberia ao Brasil a incumbência de organizar um efetivo militar, que atuaria como subordinado dos NA no *front*, uniformizá-lo e disponibilizar roupas brancas e sapatos. A cargo do governo norte-americano ficariam os treinamentos, o transporte das tropas, os suprimentos e demais aprovisionamentos (abastecimentos).

Para garantir suas vantagens como aliado e reagir aos protestos da população, o governo brasileiro tratou de criar e organizar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) em 23 de novembro de 1943, para que atuasse no *front* europeu ao lado do Exército norte-americano (ENA). Neste período, as forças armadas nacionais apresentavam um baixíssimo número de militares na ativa, tornando necessário a convocação dos reservistas e a realização de um programa de alistamento compulsório para a população civil. Mas estas dificuldades não se limitavam apenas ao efetivo, eram perceptíveis em todas as áreas, o que evidenciava o

⁵ Não abordaremos, neste artigo, os motivos que levaram o governo brasileiro a abandonar sua posição de neutralidade frente ao conflito. No entanto, os trabalhos de (CASTELO BRANCO, 1960; SEITENFUS, 2000; FERRAZ, 2005) são importantes bases da historiografia que abordam sobre a temática sobre a inserção do Brasil no conflito



despreparo Exército brasileiro (EB) frente ao conflito, situação esta que gerou certa falta de credibilidade aos governos britânicos e estadunidenses.

No entanto, o prolongamento do conflito somado ao desejo de Getúlio Vargas de incorporar o contingente da FEB, fez com que os EUA decidissem junto à com a Inglaterra permitir o envio dos brasileiros para o *front* na Europa, uma vez que acreditavam que as carências apresentadas pelas tropas do EB, seriam facilmente sanadas pelo acordo firmado entre BRA-EUA. Com isto, o governo brasileiro obteve a liberação para realizar sua primeira participação real em conflitos mundiais e a Força Expedicionária Brasileira seria enviada ao teatro de guerra como subordinada dos EUA, um dos exércitos com maior tecnologia e preparo bélico do mundo⁶.

“Um exército marcha sobre seu estomago”⁷

A alimentação historicamente, desde os primeiros conflitos foi considerada um elemento crucial, tanto quanto o armamento, o que demandava um grande empenho dos organizadores das tropas. Para isto traçavam caminhos que atravessavam plantações, realizavam saques a cidades, coletavam impostos da população e formulavam rações alimentares com o que havia à disposição. Felizmente, grande parte destas dificuldades começaram a ser sanadas ao longo dos séculos XVIII-XIX, com os primeiros ensaios da industrialização alimentícia como o método de Appert⁸, utilizado pelas tropas de Napoleão Bonaparte.

“[...] Appert tentou colocar em prática suas descobertas em escala industrial. Em 1804 instalou em Massy uma fábrica de conservas [...]. Para conservar a carne, estes colocavam no fim do cozimento pedaços dela em latas de folha-de-flandres e, depois de terem acrescentado o suco de cozimento, fechavam-nas hermeticamente, soldando as tampas [...] O método de Appert suscitou o interesse não só dos exércitos de Napoleão Bonaparte – que, assim, ficaram equipados com um sistema de abastecimento autônomo durante numerosas campanhas.”(PEDROCCO, 2018, p.770)

⁶ MERON (2009).

⁷ Os franceses, sob a liderança de Napoleão, foram os precursores no emprego de uma estrutura permanente de apoio logístico ao Exército a partir de 1803, em substituição a um modelo vigente de abastecimento por meio de compras nos locais ocupados, confiscos ou saques. Napoleão sabiamente asseverou: “Um exército marcha sobre seu estômago”. (Noticiário do Exército 12 de abril de 2019)

⁸ Nicolas Appert, confeito francês responsável por desenvolver o método de conservação de alimentos chamado de appertização, no qual frascos com alimentos são submetidos a tratamentos térmicos através do processo de banho-maria. (FREITAS, 2000 p. 171)



Portanto, o surgimento da industrialização foi fundamental para que se solucionassem diversos problemas que envolviam a alimentação das tropas, como o armazenamento, a segurança e a alta demanda do preparo. No entanto, o “batismo de fogo” para a novata indústria alimentícia, ocorreu no Século XX com os eventos da Primeira (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as quais demandavam um grande fornecimento alimentício.

O processo de formulação destas rações não é algo simples, uma vez que a indústria, junto com os órgãos militares competentes, objetivava desenvolver um produto que não fosse somente destinado a suprir as necessidades fisiológicas, mas também o “eu cultural” das tropas. Neste momento, foi imprescindível que se considerasse a importância da cultura alimentar deste grupo, ou seja, alimentos do seu cotidiano deveriam estar presentes nas refeições ofertadas.

Nas rações da US ARMY, durante a Segunda Guerra, eram ofertados itens como: ovos, biscoitos Nabisco⁹, achocolatados em pó e alimentos processados em geral, ou seja, tratava-se de um produto que havia sido desenvolvido e pensado dentro do contexto e das realidades nutricionais e industriais dos EUA, naquele momento. A indústria bélica norte-americana, pensando nas instabilidades do conflito desenvolveu três tipos de rações (K, C e B) com diferentes complexidades de preparo e de consumo.

“Rações K” – eram pequenas caixas de papelão, impermeabilizadas, que acondicionavam uma refeição, podendo ser breakfast (matinal), lunch (almoço) e dinner (jantar). Normalmente havia uma lata com uma mistura de ovos ou verduras, um doce de fruta, uma bebida em pó (chocolate/ café / limonada), torrões de açúcar, dois biscoitos, chicletes e cigarros;

“Rações C” – pequenas latas, fornecidas sempre aos pares (conhecida pelos veteranos como a “pesada” e a “leve”), onde uma continha sempre uma das três variações: feijão branco com carne, carne com batatas amassadas ou carne com um mix de verduras, e a outra era recheada com bolachas, “balas” ou chicletes, uma bebida em pó (como na ração K), açúcar, e, eventualmente, cigarros ou papel higiênico;

“Rações B” – eram rações confeccionadas em cozinhas de campanha, já com muitos alimentos pré-preparados. A Intendência fornecia uma grande e variada quantidade de ingredientes (carnes congeladas de aves, porco e boi; verduras e legumes desidratados; pães, geleias, manteiga e doces de frutas em calda; ovos e leite em pó; além de sucos; etc), que permitiam preparações, como por exemplo, “fritada de ovos com presunto”,

⁹ Na crônica escrita por Rubem Braga “O que se Comia na FEB” (1983) apresenta o biscoito Nabisco como um alimento, visto pelos brasileiros, como intragável.



acompanhada de pão branco com creme de amendoim e suco de grape-fruit. (MERON, 2014, p. 7-8)

As rações americanas foram pensadas nos mínimos detalhes desde sua composição, sendo útil para nutrir o físico e a identidade cultural, a higiene e a segurança sanitária das refeições até as embalagens em que eram armazenadas. O soldado Nalesso (2005, p.79) lembra que as caixas eram muito bem fechadas, podiam ficar na chuva e mesmo assim se mantinham intactas, pois o papelão era impermeabilizado o que mantinha a ração íntegra.

No entanto é importante reforçarmos que o fato das rações terem sido bem aceitas pelos estadunidenses é resultado de um longo e minucioso processo de desenvolvimento que visava um amplo bem-estar alimentar das tropas NA. No entanto, esta mesma ração poderia não ser bem aceita e gerar estranheza a outros grupos, caso estes precisassem se utilizar delas, pois apenas o fisiológico seria alimentado, visto que, o elo que o sujeito constrói com a comida, ultrapassa suas necessidades biológicas, encontra-se nas estruturas de sua vida social e cultural. Este processo Bourdieu (1994, p.20) explica como *hábitus*:

“Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser produto da obediência às regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expreso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser produto da ação organizadora de um regente.”

A alimentação encontra-se nas bases de uma sociedade, é um dos pilares que sustentam seus princípios geradores, sendo assim, ao alimentar-se o ser humano ativa seus receptores de identidade cultural e reafirma seus laços com sua comunidade. Portanto é necessário que a refeição ofertada contenha alimentos que o remetam a esta identificação, pois só desta forma será possível que o sujeito sacie todas as suas “fomes”.

Por fim, a alimentação é crucial na preparação e manutenção das tropas, demandando grande empenho dos exércitos ao desenvolverem os melhores mecanismos para suprir as necessidades fisiológicas e identitárias das suas tropas. Contudo, uma dieta considerada ideal para um determinado exército pode ser deficitária para outro, uma vez que existem questões sociais e culturais que são particulares a cada grupo.



Uma porção de arroz e feijão fora da lata, por favor

A realidade alimentar das tropas brasileiras era bem distante da encontrada na US ARMY, principalmente por se tratar de um exército com pouquíssima experiência em conflitos. A alimentação ofertada aos membros do EB sempre sofreu represálias, seja por questões voltadas a higiene do preparo e acondicionamento ou da qualidade dos insumos ofertados. O fato de o Brasil ter se tornado um país industrial tardiamente, refletia diretamente na formulação das rações militares, ou seja, grande parte da dieta brasileira consistia em alimentos *in natura* carne, verduras, arroz, feijão, farinha ...

O acordo BRA-EUA, firmado em junho de 1943, previa que ficaria a cargo do governo estadunidense fornecer todo e qualquer suprimento (materiais e viveres) que a Força Expedicionária Brasileira necessitasse para sua manutenção e permanência no Teatro de Operações (TO). No entanto, o fato de ofertar uma dieta integralmente NA, foi compreendido como um problema pela Diretoria de Saúde do Exército Brasileiros, devido às complicações que a troca brusca do hábito alimentar poderia surtir nas tropas brasileiras. Visando tornar público a importância de não se realizar uma troca radical e repentina na dieta da FEB, o Diretor de Saúde do Exército apresentou em 2 de março de 1944 um parecer ao Diretor de Intendência do Exército Brasileiros afirmando sobre necessidade da realização uma “adaptação” alimentar das tropas (por 6 meses) na qual se ofertaria uma dieta mista, inicialmente composta por gêneros alimentícios brasileiros e pelas rações NA. As articulações entre BRA-EUA, para a implementação de uma dieta mista, foram inicialmente favoráveis, no entanto não se sustentaram após as tropas brasileiras adentrarem aos navios americanos, pois a partir deste momento passaram a ser de responsabilidade dos EUA, o qual apresentava o desejo de americanizar os costumes¹⁰.

Os militares do 1º escalão da FEB, logo após o embarque, já perceberam algumas mudanças em suas rotinas alimentares. O primeiro desjejum que receberam a bordo gerou grande estranheza, inicialmente devido à fartura da refeição, pois foram oferecidos ovos mexidos, pão, salsicha, leite, mingau e frutas, alimentos que não eram consumidos pelos brasileiros logo nas primeiras horas da manhã, o fato de serem produtos industrializados, também favoreceu a desconfiança da tropa, visto que, o Brasil não se encontrava no mesmo patamar industrial dos EUA, com isto a dieta da sua população ainda era, majoritariamente,

¹⁰ OLIVEIRA (2016).



composta de alimentos não processados. No entanto, este primeiro contato com dieta americana, durante o desjejum, não foi tão impactante quanto o almoço, no qual, novamente, foram servidas “salsichas, manteiga, vagem, batata inglês, conserva de morango, pão, leite e café” (FARIA, 2017, p. 78), mas novamente não havia nenhuma oferta de gêneros brasileiros, ou seja, nada de arroz, feijão ou farinha de mandioca.

A quantidade de alimento ofertado nas refeições, foi outra questão que gerou incomodo entre os militares da FEB. O Soldado Vitório Nalesso (2005, p.61) lembra que “não havia preferência, nem repetição. Os comilões passavam vontade sem poder comer mais.” Mas o grande problema da viagem, foram os balanços da travessia do Atlântico, com os quais grande parte da tropa sofreu de enjoos, o que resultou em uma redução drástica da ingestão de alimento. Aqueles que não foram afetados pelos desconfortos da viagem, continuavam a consumir as refeições norte-americanas.

Ao longo da viagem, militares brasileiros passaram a auxiliar nas cozinhas do navio com o intuito de melhorarem as refeições, o que não surtiu o efeito desejado, a comida não havia melhorado, mesmo com a ajuda. As refeições não melhorariam, permaneceriam sem sal, açúcar ou qualquer outro tipo de tempero, como lembrou o sargento Hamilton José do Patrocínio¹¹.

Ao atracarem na Itália, o navio estava cheio de insumos brasileiros, uma vez que, acreditava-se que os EUA manteriam o acordo de ofertar, inicialmente, às tropas da FEB uma dieta mista. Mas rapidamente os oficiais do V Exército americano trataram de doar estes alimentos à população italiana, como relatou o Soldado Osmar Gomes¹² “[...]o navio levou carne seca e farinha de mandioca, o americano não deixou descarregar não, deu pro italiano, porque diz que soldado não podia comer carne seca nem farinha de mandioca [...]”. A atitude dos americanos referente aos insumos brasileiros, tratou de afirmar a quebra do acordo quanto à oferta de uma dieta mista ao contingente brasileiro.

Recém chegados a Itália o Comandante da FEB, o Gen. Mascarenhas de Moraes, enviou um comunicado ao governo brasileiro, no qual afirmava que não precisariam enviar gêneros alimentícios nacionais como arroz e feijão, pois necessitavam somente de “[...] certa quantidade de sal, banha e açúcar para temperar os gêneros nacionais aqui (Itália)

¹¹ PAROCÍNIO (2017, págs. 130-134)

¹² Entrevista concedida ao historiador Izaac Eder Silva Soares em 2007, na cidade de Divinópolis/MG - Disponível em: SOARES (2014, p. 170)



existentes, que serão consumidos a título de adaptação, por toda tropa da 1ª. DIE [...]”¹³, ou seja, os brasileiros estavam fadados a consumir a mesma dieta da US ARMY.

Portanto, a Força Expedicionária Brasileira foi recepcionada no *front* italiano pelas “latas de boas-vindas” da ração do tipo C. Mesmo com as inúmeras dificuldades de adaptação e o rompimento drástico da cultura alimentar, é importante frisarmos que toda a alimentação ofertada pelos EUA era muito nutritiva, como ressalta o cronista Rubem Braga ao citar o Cel. Fernando Lavaquial Bioca em sua crônica “O que se comia na FEB”.

É que, sem contestar a excelência da ração americana, que do ponto de vista higiênico, quer do ponto de vista do seu valor energético, por isso que ela era uma ração balanceada, esmerada preparada e acondicionada, fácil não foi, ainda assim, obter a sua aceitação a cem por cento pela tropa brasileira, devido a que, além do paladar completamente diverso daquele a que nossos homens estavam habituados, quase nunca era satisfatória em volume, aspecto este que na alimentação brasileira chega a proporções exageradas. (BRAGA, 1985. p. 277)

Este trecho da crônica afirma a qualidade nutricional das rações americanas, no entanto, como já tratamos nesta produção, por se tratar de uma dieta pensada e planejada para os norte-americanos, acaba por se tornar deficiente nas questões culturais que envolvem o ato de comer. No que tange as questões nutricionais, podemos afirmar que em nenhum momento os militares da FEB passaram fome. Como relatou o sargento Oswaldo Matuk “[...]aconteceu diversas vezes; ficamos de 2 a 3 dias em combate, só comendo ração “K”, ração de caixinha. Não era tão ruim, mas sim uma difícil transição porque estávamos acostumados com feijão e arroz”¹⁴. Indo ao encontro do relato do Sgt. Matuk podemos acrescentar outro trecho da crônica “O que se comia na FEB” de Rubem Braga “sem farinha, arroz e feijão – diz um amigo meu- a gente come, mas não almoça nem janta.” (1985, p.277)

Ambas as fontes citadas afirmam que ter alimento é diferente de ter comida, ou seja, a fome do brasileiro não poderia ser suprida com ração estadunidense, pois segundo Da Matta (1986, p.37) alimento e comida não são sinônimos, uma vez que, a comida não é apenas o biológico, ela está ligada a um estilo, uma forma de alimentar-se e isto acaba por definir, também, aquele que aingere. Portanto, a relação que se estabelece com o alimento

¹³ BRASIL (1944 p. 40)

¹⁴ Entrevista concedida no ano 2000 a Olavo de Carvalho para o projeto de história oral do Exército: Disponível em: CARVALHO (2001, 254)



está muito além da sua utilização como combustível para as necessidades fisiológicas do ser humano, diz respeito ao elo que ele constrói com o seu “eu cultural”, que estaria diretamente ligado as suas sensibilidades que para Pesavento (2005, p.128), trata-se de um processo subjetivo, que nasce no íntimo do indivíduo, e este como ser social, acaba por compartilhá-lo e sociabilizá-lo.

A sensibilidade e todos os outros processos que envolvem a construção cultural da relação estabelecida entre o sujeito e o alimento se tornam ainda mais evidentes quando ocorre uma ruptura brusca entre eles. O sofrimento causado pela ausência de uma “dieta caseira”, fez com que o assunto alimentação se tornasse uma questão delicada para a tropa brasileira, principalmente, entre as baixas patentes, estas que tanto sentiam saudades da sua comida, da sua cultura, da sua gente, da sua terra, como relatou Rubem Braga em outra de suas crônicas.

[...] Eu disse antes que foi comovente a comida e gostaria de explicar que um dos assuntos que mais comovem nossos soldados numa conversa é o assunto de comidas. Um começa a falar do que costuma comer na casa dele em Alagoas; outro fala de seus pratos familiares em Minas. E cada um descreve um prato; quando dois homens concordam no mesmo prato e cada um acrescenta um detalhe, eles começa a falar com uma grande animação e sentem-se como irmãos [...] A grande irmandade é feita em torno de pratos de saudade- que fumegam na imaginação, quentes e saboroso, com seu gosto de infância e de domingo.

Oh! Mães de família do Brasil: quando chegar aí a notícia de paz arrumares a casa para esperar aquele que vai voltar, providenciai que haja sobre a mesa o prato familiar mais querido, e que o comerá, eu vos digo, ele comerá alegria, ele comerá felicidade, infância ternura boa (BRAGA, 1996 p.101-102)

O trecho da crônica “Comida”, escrita por Ruben Braga, apresenta bem as fragilidades que esta ausência causou neste grupo de militares estreados em conflitos, que estavam a meses longe de casa e encontravam nos seus companheiros parte desta cultura identitária que tanto careciam. Portanto, a ação de alterar a alimentação de um grupo não pode ser realizada de forma busca e repentina, este processo demanda um longo espaço de tempo, pois ao final terá modificado as bases nas quais os sujeitos se reconhecem como sociais, como pertencentes a um determinado grupo.

Sendo assim, a atitude de afastar e alterar o hábito alimentar foi altamente prejudicial para as tropas da FEB, uma vez que, costume brasileiro de comer arroz, feijão e farinha, perpassa as barreiras nutricionais, “são identidades culturais, são pontos de identificação, os



pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (HALL 1996, p.70)

O repentino e brusco rompimento desta sutura identitária, somado aos logos meses de conflito, resultaram no desgaste e em frequentes reclamações das tropas brasileiras. Observando este caótico quadro, os responsáveis pelo V exército e pela FEB chegaram à conclusão de que a adaptação das tropas à alimentação norte-americana não havia ocorrido como esperavam, o que obrigou o Comandante da FEB a rever seu primeiro pronunciamento e solicitar urgentemente o envio de gêneros alimentícios brasileiros. Como podemos observar no telegrama enviado pelo Gen. Mascarenhas ao Ministro da Guerra.

Solicito máximo empenho, ordens vossência sentido seja mantido depósitos de intendência FEB Livorno Seguinte estoque víveres brasileiros: 90 toneladas café moído, 135 toneladas açúcar, 340 toneladas feijão, 340 toneladas arroz, 180 toneladas farinha mandioca, 45 toneladas de sal, 34 toneladas de banha, 45 toneladas de mate e 2.225.000 carteiras de cigarros. (MASCARENHAS DE MORAES, 9 de dezembro de 1944)¹⁵

O comunicado do Comandante da FEB tratava de afirmar que as suas tropas, mesmo após seis meses no *front*, não haviam se adaptado a alimentação dos NA, esta realidade obrigou o governo brasileiro a desenvolver mecanismos que possibilitassem o envio do que estava sendo solicitado. Neste primeiro momento, os Serviços brasileiros de Saúde e de Intendência (SI) realizaram um mapeamento, junto aos órgãos norte-americanos, para compreender as possíveis causas desta não adaptação. O resultado apontava cinco possíveis causas: qualidade; quantidade; sabor; a confecção das rações e problemas com a distribuição da alimentação. No entanto, as maiores queixas se encontravam voltadas, novamente, a questão da quantidade, a qual era julgada pelos pracinhas como insuficientes¹⁶.

Devido as dificuldades logísticas, em tempos de guerra, o Brasil voltou a considerar a implementação da dieta mista. Novamente realizou-se um acordo com os EUA, no qual o governo brasileiro enviaria uma certa quantidade de víveres de origem nacional, os quais seriam utilizados para reforçar a alimentação dos militares da FEB. Portanto, efetivou-se o regime da dieta mista, a qual era composta em 90% pela ração americana e 10% pelos víveres brasileiros. No entanto, durante os períodos de ofensiva a tropa retornava a dieta 100% NA. O Serviço de Intendência norte-americano, buscou desenvolver meios de implementar esta nova

¹⁵ Ver em: BRASIL (1944, p.41)

¹⁶ FARIA (2017)



dieta, para isto, realizou modificações em torno das rações “B”, que eram servidas quentes, e passaram a contar com os produtos que chegavam do Brasil como o feijão, arroz e farinha de mandioca¹⁷.

Ao longo da permanência da Força Expedicionária Brasileira, inúmeras solicitações foram realizadas para que se implementasse uma alimentação 100% brasileira, mas devido ao alto custo que isto acarretaria ao governo e a não aprovação dos EUA, este pedido não foi atendido e as tropas mantiveram suas dietas em regime misto até o fim do conflito.

Enfim, as diferenças industriais, econômicas, táticas e culturais existentes entre o Brasil e os EUA foram responsáveis por desencadear importantes problemáticas relacionadas ao bem-estar das tropas brasileiras durante sua atuação no Teatro de Operações na Europa, que precisaram ser rapidamente solucionadas, buscando reaver os laços identitários e culturais que haviam sido rompidos com a troca brusca de alimentação, pois só assim tornou-se possível reabastecer os brasileiros para que pudessem permanecer em combate.

Considerações finais

Inicialmente, o Brasil buscou se manter em situação de neutralidade, frente ao evento da Segunda Guerra Mundial, no entanto algum tempo depois decidiu por apoiar os EUA, com o qual realizou acordos, que governo brasileiro acreditava ser muito importantes para alcançar seus objetivos de modernização do exército nacional e industrialização do país. Mesmo com um efetivo militar deficitário e inexperiente em conflitos desta magnitude, o Presidente Getúlio Vargas, apoiado pelo Ministro da Guerra, General Dutra trataram de criar e montar a Força Expedicionária Brasileira (FEB), para que pudessem efetivamente auxiliar os NA no *front* europeu.

O acordo firmado entre BRA-EUA havia gerado um falso sentimento de segurança no governo brasileiro, pois devido a sua inexperiência, acreditava que ao apoiar um exército com ampla experiência e detentor de uma grande tecnologia bélica, suas deficiências militares seriam facilmente sanadas. Mas, não foi o que ocorreu, no decorrer da montagem da FEB alguns questionamentos que diziam respeito a adaptação das tropas a uma cultura tão diferente, começaram a surgir, principalmente os referentes a mudança brusca de alimentação. Buscando amenizar este “choque” cultural o Diretor de Saúde do Exército Brasileiro propôs

¹⁷ MERON (2014, p. 5)



que fosse implementada uma dieta de “adaptação”, na qual seria ofertado aos brasileiros, pelo período de seis meses, gêneros alimentícios nacionais junto com a ração NA. Possivelmente, esta proposta de uma dieta adaptativa tenha sido, inicialmente, aceita pelos EUA, devido ao fato das tropas ainda se encontrarem no Brasil, visto que, ao adentrarem nos navios para serem enviados para o *front*, os militares brasileiros passaram a ser de responsabilidade dos EUA e o processo de adaptação foi rapidamente ignorado pelos norte-americanos, que tinham o interesse de realizar um processo total de americanização dos costumes.

A inexperiência brasileira em conflitos, resultou em um erro grave, que afetou grande parte da sua tropa, principalmente aqueles que foram convocados (reservistas e população em geral), pois não haviam considerado seu efetivo como indivíduos sociais e culturais. O acordo traçado entre BRA-EUA era formidável diante das visões políticas e econômicas, no entanto devastador e traumático para a visão social e cultural, visto que, como subalternos dos estadunidenses, o efetivo da FEB deveria se adaptar ao que lhe era imposto, seja no viés bélico ou no cultural.

Ao longo deste artigo foi possível compreendermos que um exército bem preparado se preocupa em afirmar as questões indenitárias de seu efetivo, utilizando-as como uma estratégia de motivação. Possivelmente, foi no campo da alimentação que isto ficou mais explícito, pois ao desenvolver suas rações os norte-americanos não descartaram sua carga cultural e seus hábitos alimentares. O fato de servirem uma comida altamente industrializada, era uma maneira de afirmar a sua força industrial, as salsichas, os ovos, os biscoitos, os chocolates e todos os demais alimentos representavam a típica dieta estadunidense, ou seja, não foram consideradas apenas as questões nutricionais, mas também as culturais.

É possível que uma cultura apresente traços de outra, por diversos motivos, no entanto as diferenças são facilmente identificadas. Sendo assim, a alimentação desenvolvida pelos americanos, para o seu exército, poderia ser utilizada somente para nutrir fisiologicamente as tropas aliadas, já que o militar que advinha de outra cultura, não se identificaria, desencadeando assim uma importante dificuldade alimentar.

A inadaptabilidade das tropas brasileiras com a alimentação norte-americana iniciou logo nos seus primeiros contatos com esta outra cultura, no entanto com o passar dos meses a situação foi tornando-se insuportável, certamente, (ponto, letra maiúscula) o fato de se tratar de um *front* extracontinental contribuiu para agravar o cenário. Para que o contingente da FEB permanecesse no conflito, tornou-se necessário reabastecê-lo de um “combustível”



específico, o que tornou urgente a necessidade de reaproximá-los da cultura brasileira, do arroz, feijão e farinha de mandioca. Todavia, mesmo com a aceitação dos EUA para efetivar a oferta de uma dieta mista, ainda assim, a cultura norte-americana tratava de ocupar grande parte da rotina diária dos brasileiros

Portanto, podemos concluir que a alimentação de um exército é tão importante quanto seu armamento e sua força bélica, econômica ou tecnológica. O alimento também se encontra ligado à necessidade de se considerar o efetivo desta tropa para além de seres humanos fisiológicos, uma vez que, estes também são indivíduos sociais e culturais, com profundos elos identitários que não podem ser rompidos, sob pena de desestabilizar toda a tropa. Consequentemente a dieta ofertada a este exército não deverá suprir somente suas necessidades nutricionais, como também culturais, pois se alimentar não significa somente comer.



REFERÊNCIAS:

- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: ed. Marco Zero, 1983.
- BRAGA, Rubem. Comida. In: **BRAGA, Rubem. Crônicas da Guerra na Itália**. BRAGA, Rubem. Rio de Janeiro: ed. Vozes Ltda, 1985 p
- BRAGA, Rubem. O que se comia na FEB. In: **BRAGA, Rubem. Crônicas da Guerra na Itália**. BRAGA, Rubem. Rio de Janeiro: ed. Vozes Ltda, 1985 p. 100 -103
- BRANCO, Manoel Thomaz C. **O Brasil na II grande guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960
- BRASIL, Exército Brasileiro. Dia da Intendência. **Noticiário do Exército**, Brasília, 12 de abril de 2019. Disponível em : <https://www.eb.mil.br/documents/16541/9533050/alusivo+dia+intendencia.pdf/9eede1f2-b94b-0a80-a71f-eed04e643bbb> (acesso em: 10/07/ 2019)
- BRASIL, **Ministério da Guerra. Serviço de Intendência da FEB –1 Subsistência**. In: BRASIL, Ministério da Guerra. Relatório das Principais atividades do Ministério da Guerra 1944.
- BRASIL, nº 10.358, de 31 de agosto de 1942. **DECLARA O ESTADO DE GUERRA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D10358.htm (acesso em: 10/05 2018)
- CARVALHO, Olavo de. **Coleção História Oral do Exército “II Guerra Mundial”**. Rio de Janeiro: Bibliex, Tomo 3, 2001.
- COGGIOLA, OSVALDO. **Segunda Guerra Mundial: Causas, Estruturas e Consequências**. São Paulo. Livraria da Física, 2015.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FARIA, Durland Puppim de. **MUDANÇA DE CARDÁPIO E IMPACTO CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A ALIMENTAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História. Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Niterói, 2017.
- FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FREITAS, Ana Costa, FIGUEIREDO, Paulo. **CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS**. Lisboa 2000. Disponível em: <http://www.pfigueiredo.org/Book.pdf> (acesso em: 07/07/2019).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1996



HOBBSAWN, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

IERVOLINO, Ana Paula. **A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945): memória e identidade**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31052012-124148/publico/2011_AnaPaulaIervolino_VOrig.pdf (acesso em: 28/05/2018)

MERON, Luciano Bastos Neves. Memórias do *front*: **Relatos de guerra de veteranos da FEB**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2009._meron_luciano_bastos._memorias_do_front_relatos_de_guerra_de_veteranos_da_feb.pdf (acesso em: 10/08/2018).

MERON, Luciano. Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945). In: I Seminário Alimentação e Cultura na Bahia. Feira de Santana/BA. **Anais**. Feira de Santana/ BA: SAC/ UEFS, 2014. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/cer/wp-content/uploads/MERON_Luciano.pdf (acesso em : 16/07/2019)

NALESSO, Victório (Org.) **DIÁRIO DE UM COMBATENTE. As recordações de um pracinha sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial**. Itapetinga: 2005. Disponível em: <https://issuu.com/excmbitape/docs/diariodeumcombatente> (acesso em: 19/06/2019)

OLIVEIRA, Dennison de. **“O combatente melhor alimentado da Europa”: a alimentação da Força Expedicionária Brasileira e a aliança Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1943-1945)**. Revista Esboços, Florianópolis v. 21 n. 31 p. 117-141. jul. /dez. 2016.

PATROCÍNIO, Hamilton José do. In ANDRÉ, Antonio. **O Brasil na II Guerra Mundial e as Comunicações da 1ª Divisão de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira – 1944/45**. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2007.

PEDROCCO, Giorgio. A Industria Alimentar e as novas técnicas de conservação. In: FLANDRIN, Jean-Louis e MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

PEREIRA. Pérola Mourão de Souza Sardo de Abreu. As relações entre o Brasil e os **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ATORES E DINÂMICAS DA CONSTRUÇÃO DA ALIANÇA (1939-1944)**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais. Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/1607-as-relacoes-entre-o-brasil-e-os-estados-unidos-da-america-durante-a-segunda-guerra-mundial-atores-e-dinamicas-da-construcao-da-alianca-1939-1944> (acesso em: 18/06/2019)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005



SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.**
Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.